



LARRY CRABB

VICIADOS
EM SI
MESMOS

COMO A ESPERANÇA DO CÉU NOS
LIBERTA DO EGOÍSMO


VIDA NOVA

SUMÁRIO

<i>Prefácio de Kep Crabb</i>	7
<i>Agradecimentos</i>	9

Prólogo	11
---------------	----

Introdução	15
------------------	----

Uma parábola	21
--------------------	----

PARTE I: ESPERA PROVEITOSA

1. Vício em si mesmo: um exemplo	29
2. Paulo era viciado em si mesmo?.....	39
3. Um cristão que aguarda e dois que não aguardam	43
4. Por que Moisés?	51
5. Moisés aguardou!.....	61
6. Escolhas insensatas.....	69

PARTE 2: ESPERA DIFÍCIL

7. A luta por domínio próprio	81
8. É possível obter domínio próprio? Depende!	85
9. Paixões que fortalecem a capacidade de aguardar	89
10. O dia em que a Trindade me despertou.....	95
11. O poder de uma visão muito necessária.....	103

PARTE 3: ESPERA PODEROSA

12. O caminho revelado	113
13. Algo mais: a capacidade de escolher	119

14. Encerrando: do meu coração para o seu	129
15. Eu sou o centro? Não! O centro é Cristo em mim, a esperança da glória.....	139
Epílogo.....	151

PREFÁCIO

DE KEP CRABB

“E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver.” (Jo 14.3, NVI)

Há muitos anos Larry Crabb vem fazendo perguntas difíceis. Entre todas, porém, a que mais parece incomodar meu pai é: “Como as pessoas mudam *de verdade*?”. Como psicólogo clínico, o Dr. Crabb conheceu pessoas que estavam completamente no fundo do poço. Gente que não enxergava nenhuma saída em meio às provocações, lutas, armadilhas e vícios que muitos de nós experimentamos e enfrentamos hoje.

O que faz uma pessoa mudar de verdade? Larry se recorda de quando era um menino nos arredores de Filadélfia e ficava deitado no gramado do quintal de sua casa em Germantown, observando as nuvens e imaginando como seria o céu. Já naquela época havia nele uma percepção de algo maior.

Em anos posteriores, essa percepção o levou a perguntar como o céu será e por que, se de fato existe, não pensamos nele com mais frequência. Pensamos no céu ou dedicamos mais tempo para refletir sobre ele quando perdemos um amigo ou um familiar. Todavia, essa reflexão ou sentimento desaparece com o tempo, e a vida continua. Como manter o céu sempre vivo em nossa mente enquanto prosseguimos em nossos afazeres diários?

De acordo com Crabb, se vivermos cientes da História Maior que Deus está contando (a história que se concentra no período entre a cruz de Cristo e seu retorno), as seduções, tentações e distrações deste mundo não terão o mesmo poder sobre nossa história menor (entre nosso nascimento e a morte). “Pois este mundo não é nosso lar permanente; aguardamos um lar que ainda está por vir” (Hb 13.14, NLT).

Minha participação com o Dr. Crabb na composição deste livro me fez pensar cada vez mais a respeito do céu. Aos poucos o céu começou a ocupar minha atenção à medida que realizava meus afazeres diários. Comecei a experimentar algumas mudanças e a interagir de um modo diferente com minha família, amigos e até com desconhecidos. Senti uma alegria mais profunda à medida que comecei, conscientemente, a atribuir uma importância menor ao mundo e à minha própria história menor e a trazer à mente, de um modo proposital, o céu e a História Maior de Deus. “Amigos, este mundo não é a casa de vocês; por isso, não se sintam à vontade nele. Não deem espaço para o ego à custa da sua alma” (1Pe 2.11, A Mensagem).

Meu avô costumava dizer que algumas vezes Deus nos fornece um “vislumbre do céu” para nos incentivar a permanecer no caminho. É nossa esperança e oração que você experimente esse “vislumbre do céu” à medida que lê *Viciados em si mesmos: como a esperança do céu nos liberta do egoísmo*. Portanto, mantenha os olhos fixos no que está por vir: nossa eternidade com Jesus, quando adoraremos todos juntos no céu e todas as coisas serão feitas novas.

“Nenhum olho jamais viu, nenhum ouvido jamais ouviu, nenhum ser humano jamais imaginou o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Co 2.9, ESV).

AGRADECIMENTOS

A maioria dos escritores concorda que escrever é uma atividade solitária. Por anos escrevi em cafeterias, sentado sozinho em algum canto vazio, ouvindo o burburinho de conversas e música de fundo que, de alguma forma, contribuíam para me trazer um sentimento estranhamente gostoso de isolamento. Não conversava com ninguém nem prestava atenção se a música era agradável. Eu estava sozinho com meus pensamentos, concentrado apenas na direção que me levavam. Ao longo dos últimos vinte anos, escrevi no porão de nossa casa em Denver e, hoje, escrevo no sótão de nossa casa atual em Charlotte.

Contudo, se eu não tivesse a oportunidade de ter conversas interessantes com as pessoas e o apoio estimulante que recebo de outros, não conseguiria escrever nada ou escreveria livros piores do que aqueles que já publiquei (uma pausa, por favor, para apreciar minha insincera humildade).

A equipe do Larger Story, ministério sonhado e agora sabiamente liderado por meu filho mais velho, Kep, juntamente com seus colegas de trabalho altamente capacitados, Kris e Karlene, tem caminhado comigo e me apoiado desde o início. *Viciados em si mesmos: como a esperança do céu nos liberta do egoísmo* é o primeiro, assim espero, entre muitos livros que serão publicados pela Larger Story Press. Não fosse o auxílio de vocês, teríamos um livro muito inferior, talvez inexistente.

Permita-me acrescentar um agradecimento especial a todos que contribuíram financeiramente para custear a publicação deste livro. Sou muito grato por sua ajuda.

Conversas durante o café da manhã ou por telefone com meus grandes amigos Trip Moore, Jim Kallam, Mimi Dixon e Steve Shores têm mantido meu cérebro ancião quase jovialmente ativo, permitindo-me refletir enquanto escrevo, geralmente sobre temas cristãos profundos que esses amigos me apresentam e aguçam.

E aos meus queridos SSD. Vocês sabem muito bem quem são, mas não fazem ideia do que representaram para minha vida espiritual ao longo desses últimos vinte anos.

Pequenos grupos talvez não sejam tudo o que poderiam ser, mas, quando são, desempenham um papel muito além de minha capacidade de descrever. Tom e Jenny, Bob e Claudia, eu e minha esposa, Rachael, temos nos encontrado por duas décadas. Compartilhar abertamente em atitude de genuíno interesse uns pelos outros em nossa jornada espiritual me fez perceber, com muita gratidão, que o Espírito de Deus continua operando em mim, tanto quando me relaciono como quando escrevo.

Impossível não expressar genuinamente minha gratidão a minha família: Kep e Kimmie, Ken e Lesley, além de cinco netos muito amorosos com seus avós, sem esquecer da minha sempre prestativa e interessada cunhada Phoebe, viúva já há algumas décadas de meu irmão, a qual me cerca de oportunidades valiosas de dar e receber.

Meus quase 54 anos de uma relação cada vez mais profunda com Rachael me fazem ser grato a Deus, uma gratidão que tem sustentado meu desejo de amá-la bem e de servir bem a Deus.

Solitude e comunidade são o fundamento para viver bem.

P.S.: Se eu mencionasse o nome de todos os amigos que me estimularam a continuar refletindo e escrevendo, a lista se transformaria em um extenso capítulo deste livro. Agradeço a todos vocês!

PRÓLOGO

Cristãos que se recusam a aguardar a promessa dos prazeres celestiais permanecem viciados em seu próprio bem-estar, em experimentar uma frenética satisfação pessoal imediata. Vivem intensamente viciados em si mesmos e, portanto, são incapazes de resistir a qualquer tentação que prometa o sentimento de bem-estar que almejam.

O resultado são vícios em:

- *drogas*, lícitas ou ilícitas;
- *comida*, em suas várias formas de compulsão;
- *sexo*, legítimo ou não, incluindo suas formas de perversidade;
- *dinheiro*, em razão dos prazeres, da conveniência e do poder que ele é capaz de comprar;
- *influência*, em razão do sentimento bom de fazer diferença na vida dos outros;
- *reconhecimento*, em razão do sentimento de ser respeitado, que por sua vez confere importância pessoal;
- e uma série de outros vícios associados a prazeres pelos quais almas desesperadas tanto anseiam.

DUAS QUESTÕES

Existe uma maneira distintamente cristã de encontrar força de vontade e capacidade para neutralizar o poder da tentação? A primeira parte deste livro trata dessa questão e oferece orientações.

Com o que se parece a vitória contra o pecado do egocentrismo, a base de todos os nossos vícios? A segunda parte tratará dessa questão.

Em outras palavras, que vitória *substancial* está disponível agora até obtermos a vitória *completa* em nosso encontro futuro com Jesus? A terceira parte esboça um caminho para obtermos vitória hoje, enquanto aguardamos nossa liberdade completa no céu.

“Por seu poder divino, Deus nos concedeu tudo de que precisamos para viver uma vida piedosa.”

2Pedro 1.3



A palavra “vício” nos faz pensar imediatamente em drogas, álcool e sexo, todos vícios reais e extremamente comuns. Felizmente, nem todos são afetados por essas tentações corriqueiras. A maioria de nós (talvez uma maioria não muito grande) consome apenas drogas prescritas por médicos, aprecia ocasionalmente uma taça de vinho ou algumas cervejas assistindo a uma partida de futebol na televisão e pratica atividade sexual exclusivamente dentro dos limites morais estabelecidos. E isso é muito bom.

A má notícia, porém, é que existe um vício raramente reconhecido que atua de modo sorrateiro, em maior ou menor grau, em praticamente todos os seres humanos desde Adão e Eva, salvo uma única exceção. Desde a saída do jardim do Éden, todo ser humano já chega ao mundo com o vício obstinado de buscar seu próprio bem-estar. Vivemos, então, viciados em satisfazer todos aqueles anseios que somos incapazes de recusar ou de reprimir.

Para entender e reconhecer como esse vício se apresenta, precisamos nos lembrar de que somos seres relacionais, criados à imagem de um Deus trino e relacional. É natural, portanto, e de modo algum errado, buscarmos satisfazer, por meio de nossos relacionamentos, o que não podemos satisfazer por conta própria. Entretanto, há um problema: não mais buscamos em Deus a satisfação que nossa alma relacional anseia e que nos libertaria para nos

concentramos em buscar satisfação nos demais relacionamentos que Deus providenciou para nós.

Em razão de não mais recorrermos a Deus para a satisfação de nossos anseios mais profundos, hoje buscamos e até nos sentimos no direito de satisfazer nossa alma por meio do relacionamento com os outros. Mas isso não funciona. Afinal, dois falidos que recorrem um ao outro em busca de apoio financeiro acabarão em situação pior.

Por conseguinte, a vida ensinou o ser humano a:

- *proteger-se* para não ser machucado pelos outros;
- *buscar* nos outros tudo que promove a imagem que o indivíduo criou para si;
- *preservar* essa imagem por meio de aparências e revelar aos outros somente o que convém.

O resultado? **Pecado relacional**, nosso fracasso em amar os outros conforme Jesus nos amou. Trata-se de um vício humano universal, uma epidemia: relacionamo-nos em atitude egoísta de autoproteção com o objetivo de não nos machucarmos; buscamos exaltar nossa fragilíssima autoestima por meio de relacionamentos de conveniência; usamos nossa autopreservação como escudo para evitar danos à nossa autoimagem. O pecado relacional semeia rixas, brigas e desconfianças, sobre as quais Tiago nos advertiu (veja Tg 4.1-3). Tudo isso resulta em pobreza relacional na família, na comunidade, na igreja, na nação e no mundo.

A questão central é esta: meu propósito ao escrever este livro é trazer um estímulo para nos distanciarmos do pecado relacional e nos movermos para uma relação de santidade em que assumimos o compromisso de agradar a Deus pela maneira de nos relacionarmos com ele e com os outros, em uma vida de adoração ao Senhor e edificação ao próximo.

Aguardar o céu para satisfazermos nossos anseios relacionais mais profundos (quando finalmente amaremos Deus e os outros de uma forma completa) nos dará forças para enfrentar nosso vício em drogas, álcool e sexo. Se substituírmos a pobreza relacional por riqueza relacional, em uma superação cada vez maior de nosso vício universal em nós mesmos, nosso vício relacional incurável será corrigido pela disposição de aguardar o céu para satisfazermos tudo que não é possível satisfazer agora. Então, amaremos melhor, de um modo mais parecido com Jesus, e nesse processo descobriremos a alegria.

Interessado? Prossiga a leitura!

INTRODUÇÃO

Em 1988 publiquei um livro intitulado *De dentro para fora*, cujo parágrafo de abertura trazia o seguinte:

O cristianismo moderno, em uma dramática reversão de seus moldes bíblicos, promete aliviar a dor de vivermos em um mundo caído. A mensagem, quer de fundamentalistas que exigem vivermos por meio de um conjunto de regras específico, quer de carismáticos que insistem em uma submissão maior ao poder do Espírito, é geralmente a mesma: a promessa de felicidade AGORA! A satisfação total pode ser alcançada deste lado do céu.¹

Caso estivesse escrevendo esse parágrafo hoje, não mudaria uma única palavra, mas talvez acrescentasse outras. Ao menos uma frase me vem à mente: “Não há necessidade nenhuma de adiarmos a satisfação de nossos desejos mais profundos; essa satisfação está disponível nesta vida”. O propósito dessa frase é apenas reforçar o equívoco flagrante que caracterizou o cristianismo ao final do século 20.

Temo que o erro que aponte no passado ainda persista atualmente. Muito do que nossa cultura evangélica entende como cristianismo permanece ligado a essa revisão bíblica, porém hoje imerso em maior profundidade na areia movediça de ensinamentos atraentes e equivocados a respeito do que significa seguir Jesus.

¹Lawrence J. Crabb, *Inside out* (Colorado: NavPress, 1988) [publicado em português por Betânia sob o título *De dentro para fora*].

Nesse sentido, quero começar este livro com um parágrafo atualizado para salientar o que me parece ser um problema mais presente hoje. É um parágrafo um pouco mais longo que o anterior, para enfatizar que hoje talvez estejamos ainda mais apartados do caminho que no passado.

O cristianismo moderno, em seu enfoque equivocado de usar Deus para nos proporcionar uma vida melhor, perdeu a paixão pela ávida esperança do retorno de Jesus, quando todas as coisas serão renovadas. Por que aguardar o porvir se por meio das bênçãos de Deus podemos fazer a vida atual funcionar a nosso favor? Basta apresentar esses acordos a Jesus em oração para que ele, à direita do Pai, oriente o Espírito de Deus para fazer que as circunstâncias da vida tragam felicidade para seus seguidores.

Consequentemente, hoje podemos contornar toda e qualquer necessidade de lamentação. Em muitas igrejas, pregações motivacionais e música animada vêm conduzindo seus membros a cultos de empolgação. A partir disso, uma ideia perigosamente equivocada, embora sutil, tem se infiltrado no cristianismo moderno: a capacidade de amar bem e o poder de se alegrar dependem de circunstâncias favoráveis, circunstâncias prometidas por Deus para uma vida boa. Nesse sentido, o papel do Espírito de formar Cristo em nosso íntimo é minimizado, se não eliminado. Teria o cristianismo moderno se adaptado ao nosso vício em nós mesmos ao mesmo tempo que nos induz a crer que somos pessoas maduras e esclarecidas?

Era para ser somente um parágrafo, mas acabei escrevendo dois. Creio que ambos são necessários para chamar nossa atenção para a mensagem que vem sendo vociferada em muitos púlpitos e divulgada sedutoramente em muitos livros: de que não mais precisamos

aguardar o céu para conhecer a alegria e a liberdade que sempre ansiamos experimentar. Se o que mais desejamos está totalmente disponível agora, não há necessidade de trabalharmos arduamente para permanecermos fiéis a Deus e prestativos ao próximo. Ambas as coisas fluem de modo natural em nossa vida agradável e abençoada por Deus.

Nossa cultura optou por um cristianismo descuidado, uma religião que descartou, entre outras disciplinas essenciais, aquela autoavaliação rigorosa que revela nossa podridão e o nosso impacto sobre os outros. Essa disciplina, quando praticada, nos conduz à alegria do arrependimento, que por sua vez nos afasta do egocentrismo em nossos relacionamentos e nos leva a uma humildade centrada no outro. É comum vivermos concentrados em nosso próprio bem-estar, incuravelmente viciados em nós mesmos. E por acreditarmos que Jesus também compartilha dessa nossa prioridade, cremos que estamos vivendo a vida cristã. Esse cristianismo descuidado se transformou em um cristianismo impostor, um evangelho diferente, contra o qual Paulo nos advertiu severamente (veja Gl 1.6).

As consequências dessa forma de pensar são muitas, cada uma ensejando prejuízos para a causa de Cristo. Uma dessas consequências, e em minha opinião a mais importante, é esta: *a falta de disposição para aguardarmos a satisfação completa até nossa chegada ao céu nos leva ao vício, à exigência de sentirmos uma alegria entorpecedora nesta vida.* Não há dúvida de que esses vícios trazem danos para nossa vida, pois empoderam nosso egocentrismo natural, que, por sua vez, em razão de o considerarmos necessário para nosso bem-estar, é aceito como justificável em vez de terrivelmente pecaminoso. Insistimos em experimentar qualquer prazer intenso que amenize nossos medos e preocupações, ainda que momentaneamente. Por conseguinte, buscamos um estilo de vida centrado em experiências momentâneas que nos permitam alcançar nosso tão almejado nirvana, aquele sentimento de paz celestial que pregam os budistas.

Com o tempo, as compulsões que brotam de nossa tendência universal e natural ao vício em nós mesmos assumem o controle de nossa vida. Então, a energia e a motivação necessárias para servir à causa de Cristo se esvaecem.

Essa é a má notícia. A boa notícia é que o cristianismo bíblico provê uma saída desse lamaçal: *aguardar!* Só que aguardar a chegada do céu para satisfazer os anseios mais profundos do nosso coração é uma atitude fora de moda. Contudo, aprender a aguardar ansiosamente pelo retorno do Senhor é essencial para superar a raiz da exigência que alimenta todos os vícios. Apesar disso, mesmo enquanto escrevo essas palavras, que creio serem verdadeiras, percebo em mim uma hesitação desconfortável. Afinal, *falar é bem mais fácil que fazer*. Nosso anseio por mais nos impulsiona a buscar satisfação com urgência. E existem muitas maneiras de adquirirmos experiências, ainda que forjadas e temporárias, para acalmar as ansiedades de nossa alma sedenta.

Aguardar se torna ainda mais difícil, ilógico até, diante do luto por uma perda, do desânimo por um revés, do ressentimento por uma injustiça ou simplesmente de aborrecimentos com a vida. Ê em momentos como esses que nos defrontamos com a forte tentação de buscar quaisquer prazeres momentâneos e entorpecedores. É o pecado nos convidando calorosamente para desfrutarmos suas delícias.

Escrevo este livro com o propósito de descobrir o que será necessário para antecipar de modo cativante a satisfação plenamente disponível no céu que nenhuma dificuldade por nós enfrentada poderia nos induzir à tentação de correr atrás de alívios, por mais irresistíveis que pareçam. Jamais encontrei em livros cristãos, em psicologia cristã ou em escolas de pensamento cristão uma resposta para essa questão que funcionasse para mim. Apesar disso, faço uma advertência: não creio que existe um caminho que elimine nossa luta contra a tentação ou que nos impeça de fracassar

novamente. Nosso vício somente será curado no céu. Entretanto, é possível seguir por um caminho que nos liberte cada vez mais de nosso vício enquanto vivemos neste mundo.

Creio que existe um modo bíblico, orientado pelo Espírito, dependente de Cristo e agradável para Deus, de superarmos nossos vícios a ponto de sermos capazes de levar uma vida significativa e transbordante de poder sobrenatural para os outros. A perspectiva de descobrir esse modo de viver me traz ânimo e transforma minha atividade de escrever em uma aventura espiritual. O versículo que citei anteriormente contribui para esse entusiasmo: “Por seu poder divino, Deus nos concedeu tudo de que precisamos para viver uma vida piedosa” (2Pe 1.3).

A vida piedosa não será controlada pelos vícios.